CERRAR FILEIRAS!

No início do Novo Ano passam-se, geralmente, em revista os factos do ano que findou e fazem-se projectos para aquele que então se inicia.

O ano de 1961 foi pródigo em acontecimentos bem dolorosos para a Pátria portuguesa, mas a que todos soubemos fazer frente com valentia, com heroicidade, com abnegação.

Ainda o mês de Janeiro não havia findado e já um antigo Comandante de Falange tombava no cumprimento do mais alto dever de militar e de português, defendendo o seu barco dum assalto de piratas, homens cegos pelo ódio, sem escrúpulos e sem moral.

João José Nascimento Costa foi o primeiro português a dar a vida pela integridade da Pátria, a derramar o seu sangue pela defesa da nossa missão histórica.

O episódio do «Santa Maria» não foi mais que o prólogo da ofensiva internacional dirigida contra nós, clara e abertamente pelas nações comunistas e que colheu comprometedoras e tristes benevolências em países que julgávamos amigos e tínhamos por aliados.

No mês de Março vivemos as horas trágicas do terrorismo em Angola. Muitos inocentes perderam a vida, sofreram as mais horrorosas torturas, mas graças a Deus o espírito de valentia e heroicidade que são timbre dos angolanos e dos soldados de Portugal, venceram a campanha que muitos pensavam, já, teria o seu desfecho vitorioso.

Lutamos sòzinhos, confiados ùnicamente na protecção de Deus e em nós próprios; por isso a nossa vitória, que com outro amigo ou aliado não é compartilhada, tem, para nós dobrado valor.

Dezembro trouxe-nos a agressão indiana, a ocupação do Estado Português da India por forças inimigas sob o olhar complacente doutros países que não puderam ou não quiseram dar-nos a ajuda devida.

Sofremos, então, um dos mais rudes golpes da nossa história multisecular, mas soubemos enfrentar com garbo o ataque inimigo, enquanto que os nossos governantes, cônscios da responsabilidade histórica do momento, defenderam com honra e brio o prestígio nacional.

Principia um Ano Novo, ano que começa com a Nação portuguesa em armas contra todos os inimigos, os de fora ou os de dentro, que procuram quebrar as linhas da nossa defesa espalhadas por todos os continentes.

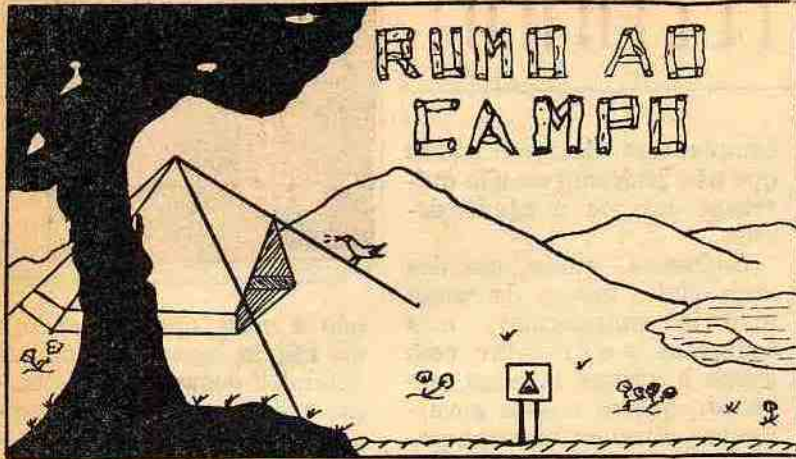
É mister que todo o português seja um soldado, pois não é mais que a grandeza da Pátria que nos cumpre defender o que certas alianças visam destruir ou comprometer.

Que o ano de 1962 seja o ano dum cerrar fileiras em volta dos nossos mais altos ideais — Deus, Pátria e Família — que todos são atingidos pelas forças que nos guerreiam e pelos traidores que as apoiam.

Urge tomar consciência do momento que se vive e saber corresponder ao que a Pátria pede de nós no momen-

(Continua na 7.ª página)

7

DIRECTOR A.Q.G. LEITE DE CASTRO
CHEFE DE REDACÇÃO A.C.C. JOÃO MANOEL D'OLIVEIRA MARTINHO
PROPRIEDADE E EDIÇÃO DO C. E. 2 (LICEU DA COVILHÃ)
6 DE JANEIRO DE 1962
Composto e impresso na Tipografia do «Jornal do Fundão» — FUNDÃO

NOTA DE ABERTURA

Ficarão por certo surpreendidos com a aparição de mais uma secção, num já tão seccionado jornal, mas, poderão estar certos que pela nossa parte não tencionamentos desvirtuar as tão apreciadas, bem elaboradas e já mais idosas secções, às quais pedimos as bençãos e nos firmamos admiradores.

Sem quaisquer pretensões rectóricas, tentaremos aqui expor, criticar, ensinar e fomentar, toda e qualquer actividade de campo ou com ele relacionado, levada a efeito, não só dentro do Centro Escolar n.º 2, da Organização, mas como também fora dela.

«Rumo ao Campo», será a palavra de ordem neste momento em que já se adivinha uma época plena de energia e actividade.

CAMPISMO

CAMPISMO — Vida temporária fora dos centros urbanos, em tendas ou sob outros abrigos, e organizada de forma que, por um conjunto de actividades especiais e de carácter educativo conduza a um maior aperfeiçoamento físico, psíquico, moral, social, cívico e até intelectual dos seus praticantes.

CAMPISTA — Pessoa que pratica campismo.

Assim, são definidos estes dois vocábulos, no Dicionário da Língua Portuguesa, coordenado por José Pedro Machado.

Dados estes dois elementos, fácil será realizar a equação que se propõe dado que a incógnita é sempre encontrada no exercício da própria actividade campista: o amor ao belo e o respeito pelo próximo.

O campista aprende por si mesmo a amar as plantas, os animais e os homens, pois o prado, a floresta e o bosque são o seu reino. O vento assoma e a noite desce... De pernas cruzadas, em redor da fogueira amiga, conversa amenamente com os companheiros. A fogueira crepita em frente da tenda — é o Fogo da Amizade, é a Chama da Mocidade e é o Fogo de Conselho.

E, por fim, um sono reconfortante, escutando a sinfonia misteriosa da noite, sob um céu onde brilham milhões de estrelas...

Dados dois conceitos de Campismo — o poético e o prático — tiraremos fàcilmente, uma ilacção: o campista nunca deve deixar de ser activo.

A lei do menor esforço, obriga o campista a utilizar para os seus fins de semana, sempre o mesmo local, sabendo de antemão como se abastecer e o que vai lá encontrar. No entanto, a proceder-se assim, estamos atraiçoando a verdadeira essência do Campismo.

O imprevisto é o seu principal atractivo, um estímulo, nunca um obstáculo.

O conceito de que o campismo implica solidão, é hoje banido da nossa ética, pois não pode ser para nós nada mais agradável que o estarmos de pernas cruzadas, em redor da fogueira amiga, conversando amenamente com os companheiros.

NA SENDA DO DESCONHECIDO

Com a aproximação da época de campo, verifica-se já por todos os Centros do país, uma azáfama que esperamos, dê bons resultados. São as tendas a reparar, alumínios a pulir, lanternas a rectificar e até machadinhas a aguçar. Fazemos votos que tais preparativos tragam os melhores frutos para a realização duma época em cheio.

Esperamos ver e noticiar, a marcha de muitos rapazes, rumo ao campo, em demanda do belo e do desconhecido, do bulício das cidades de lona e da solidão dos bivaques de quina.

Quando descer a noite com o seu manto de estrelas e a sua quase total ausência de ruídos, mergulharemos no silêncio da natureza, e o silêncio é a pátria dos fortes.

Quando por vezes, o campista ruma para o campo, há quem lhes chame loucos, mas, com se chamarão, aqueles que lho chamam?

B.

SOLUÇÃO DAS PALAVRAS CRUZADAS

Horizontais: 1—Desenterrar; 3—Ant.; 4—São; 6—Desabamento; 7 Em; As; 8—Fá; CT; 9—In; Ar; 10 —Na; Rã; 11—Esmoreceras.

Verticais: 1—Define; 2—As; Emanas; 3—Na; 4—Estola; Ele; 6—Tu; Barrete; 8—Recebe; Ré; 10—Atacara; 11—Ostras.

BODO DE NATAL

A Subdelegada Regional presidiu à distribuição do Bodo

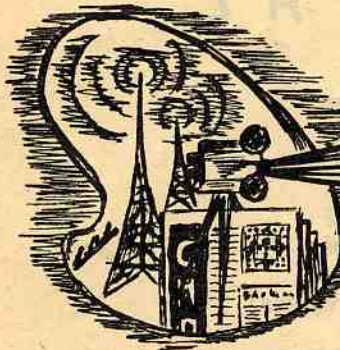
Como já vai sendo tradição neste Liceu organizou-se um Bodo de Natal para ser distribuido a algumas famílias necessitadas no dia da nossa Festa.

Colaboraram nesta generosa iniciativa os Centros Escolares da M.P.F. e da M. P. e é de justiça reconhecermos que o êxito da Campanha deste ano se ficou a dever em grande parte ao zelo, entusiasmo e vontade das dirigentes e filiadas da M.P.F. que deram a todos uma alta prova do melhor espírito cristão.

A campanha para o Bodo aos pobres que no Liceu decorre sob o lema «Nada é inútil», não só concorre para socorrer algumas famílias necessitadas como, principalmente, para despertar em todos que nela colaboram os mais altos e nobres sentimentos cristãos.

A Comissão encarregada de receber estes donativos, que, em obediência ao seu lema, tudo aceita nada rejeitando, teve ocasião de apreciar pequenos grandes sacrifícios como a entrega de brinquedos predilectos, a maior parte da féria duma

(Continua na 6.ª página)

Durante a distribuição do Bodo

UM CONTO DE NATAL

A tarde está cinzenta e triste. Na rua o movimento é intenso. Toda a gente tem pressa de chegar a sua casa, ao calor suave da lareira. Muitas pessoas levam embrulhos, presentes para pôr nos sapatinhos das crianças.

Num portal escuro, um rapazinho, encolhido, observa. No seu rosto vêem-se dois sulcos brilhantes. Sim, ele chora. Chora de frio, chora de fome, chora de tristeza, chora de desespero. Triste existência, colhida tão tenra pela desgraça. Desde manhã ele gritou pelas ruas, gastando as suas poucas forças, oferecendo jornais, para conseguir aquela côdea que os seus dedos gelados e doridos apertam sem sentir.

João pensa nos pais. Há dois anos chegara a sua casa um homem, e dissera, depressa, como para se libertar ràpidamente do penoso cargo, que o pai fora atropelado, e morrera. E fora-se embora. João olhou para a mãe, e assustou-se. Caída numa cadeira, parecia morta. Correu para ela, chamou! Ah! ela sorriu, embora com o mais amargo dos sorrisos, para o filho que a chamava, e que sentia que brevemente deixaria desamparado.

João recorda agora o dia em que ao beijar a mãe de manhã, ela o não abraçou, não lhe encheu o rosto de enternecidos beijos. Depois levaram-na, e nunca mais a vira. Sentia saudades suas e desejava ir ter com ela, mas não sabia onde estava...

Uma vizinha levara-o a uma casa onde um senhor lhe dera jornais, e lhe dissera que os vendesse. E desde então a sua vida era aquela. Nesse dia vendera-os mais depressa e parara ali. Ele não tinha onde dormir, e o barracão onde costumava ir era tão bom como qualquer outro sítio. Além disso, dali via-se a sala de jantar duma casa, animada e cheia de luz, onde crianças saltavam e riam. João gostaria de estar com elas. E ficou a ver, sem sentir o frio, e a neve que começava a cair.

É noite. Deram há pouco nove horas. A rua está deserta. Os candieiros iluminam a neve que cai suavemente. Num portal escuro, uma figura está imóvel. A mancha clara do rosto está descaída para o peito. João dorme. E a neve cai, cobrindo tudo, suavemente, como para não acordar o inocente que dorme.

Jorge está ansioso. Acordou cedo esta manhã, coisa pouco vulgar, principalmente em tempo de aulas. Mas hoje levantou-se, lavou-se e vestiu-se antes que o fossem chamar. É dia de Natal e está impaciente por ver os brinquedos que o Menino Jesus lhe porá nos sapatinhos. Nesse dia os seus amigos vão a sua casa para brincar com ele. Jorge acha que eles se estão a demorar. Ah! lá vêm eles. E corria para a porta, a esperá-los. Vêm contentes e alegres. Riem por qualquer coisa. Não sabem porquê. É dia de Natal.

Toda a manhã brincam, saltam, riem, jogam à bola, e tentem adivinhar os presentes que o Menino Jesus lhes dará. Um quer uma bola, grande como a do Jorge. Outro quer um comboio, daqueles que passam por um túnel. Outro quer um livro, com muitos bichos esquisitos. E prevêem a alegria de brincar com eles. Ao almoço nem a sobremesa os distrai da sua conversa. A tarde parecia nunca mais acabar, mas por fim terminou. Depois do jantar puseram os sapatos na chaminé. Que gritos de alegria que exclamações de entusiasmo se seguiram. «Olha a minha bola!». «Já viste o comboio que o Menino Jesus me deu?» «Nunca vi um livro tão bonito!» O entusiasmo crescia; já não sabiam o que faziam. Súbito, a bola parte um vidro e salta pela janela. Vão todos a correr apanhá-la. Jorge, que vai à frente, pára, porém, assustado. Ele viu um vulto na porta. É um rapazinho da sua idade.

— Que fazes aqui?

— Nada, responde tìmidamente o outro. É João.

— Porque não estás na tua casa a brincar?

— Eu não tenho casa, murmura João enquanto duas lágrimas lhe afloram aos olhos.

— Sabes jogar à bola?

— Sei, responde fracamente o pobrezinho.

— Então anda brincar connosco! João olha-os espantado. Não sabe o que acontece.

Eles arrastam-no para dentro, fazem-no brincar com eles. João pensa que está a sonhar, e entrega-se ao seu sonho, o mais agradável que tivera.

Nessa noite, quem espreitasse à janela, veria um rapazinho roto, mas feliz, brincando e rindo com os outros, contentes por terem alguém novo com quem brincar.

Neva ainda, mas o céu está agora a descobrir-se.

Na face branca e redonda da lua que surge, parece brilhar um sorriso, um sorriso de felicidade.

Luís F. Moura e Silva
(A.C.C.)

C. C. Mário Carvalho Tomé

O C.C. Mário Carvalho Tomé que actualmente comanda o C. E. n.º 3 desta Ala, foi louvado pelo Director da Casa da Mocidade quando a seu pedido abandonou o lugar de Secretário da Direcção dessa Casa.

Sendo o referido graduado um dos mais dedicados colaboradores desta Tribuna e que pelo Centro onde primeiramente serviu manteve sempre uma especial afeição, é com o maior gosto que arquivamos nas nossas colunas o louvor que lhe foi concedido:

«Ao tomar conhecimento da decisão do Comandante de Castelo Mário Carvalho Tomé, não posso deixar de manifestar a minha grande mágoa pela perda da sua dedicada e leal colaboração, pelo que o louvo pelo zelo com que desempenhou as suas funções.»

FESTA DE NATAL

A filiada Maria Adelaide Pereira de Carvalho recitando uma poesia

(Continuação da 8.ª página)

caiam no esquecimento a todos aqueles que tiveram a felicidade de as ouvir.

As filiadas da M.P.F. Maria Adelaide Pereira de Carvalho, Maria Alice Gil de Campos, Albertina Mendes Antunes e Adelina Rosa dos Santos Morão recitaram poesias do Padre Moreira das Neves alusivas ao Natal.

No intervalo das recitações o Grupo Coral Feminino sob a regência da sua Directora, Senhora D. Maria Augusta Soares, fez-se ouvir em vários cânticos desta quadra.

Procedeu-se em seguida à distribuição dos prémios dos Jogos Florais e do Concurso de Presépios, cuja classificação indicamos na secção do Movimento.

O Sr. Dr. Amadeu da Silva Leitão, encerrou a sessão felicitando todos os professores e alunos que nela colaboraram.

A terminar foi entoado por toda a assistência o Hino Nac'onal.

João Manoel O. Martinho
(A.C.C.)

Um aspecto da exposição

GUIDA E ISABEL

(Continuação da 8.ª página)

-lhe pela sua nova família, não se esquecendo, é certo, da sua mãezinha para quem enviou um beijo de carinho. Ela lá no céu devia estar contente. Adormeceu com uma lágrima nos olhos, mas com um sorriso nos lábios rubros e a gratidão no coração.

Maria Manuela Moura e Silva
(C. Q.)

NATAL

Natal! Sublime Natal
Dum Menino que nasceu
no mais humilde curral,
tendo o seu trono no céu!

Natal! Menino inocente!
Enquanto rezo os terços
mando-lhe, como presente
a minha fé e os meus versos!

E o mundo manda ao Menino
certas conchinhas do mar,
com que Ele, então pequenino,
tanto adorava brincar...

MARIA ADELAIDE PEREIRA DE CARVALHO

MENÇÃO HONROSA DOS JOGOS FLORAIS DO NATAL 1961

BOAS-FESTAS

Receberam-se na Redacção da «Chama» cartões de Boas Festas e desejos de Bom Ano que muito agradecemos.

Seja-nos, porém, lícito distinguir com um agradecimento especial o A.Q.G. Dr. António Malcata Julião, Capitão Miliciano em serviço na nossa província de Angola, que não só se não esqueceu de nós, como nos lembrou com palavras amigas que a todos muito penhoraram.

Missa por alma de João José do Nascimento Costa

A Direcção do C. E. n.º 2 mandará celebrar no próximo dia 22 uma missa por alma de João José do Nascimento Costa, antigo Comandante de Falange, assassinado no assalto ao Santa Maria.

PALESTRAS SOBRE TEMAS DA M. P.

Integrado no Ciclo de Palestras comemorativo dos 25 anos da Mocidade Portuguesa o A.Q.G. Leite de Castro falou aos nossos filiados sobre «A vida no Centro».

soneto

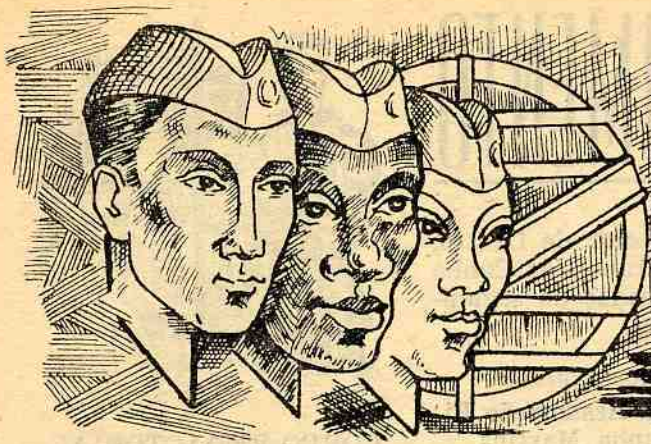
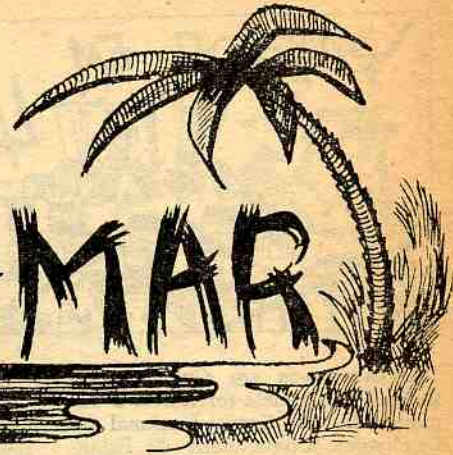
Eu vou p'ró infinito sem saber
Descalço, roto sem ter já mais nada.
Estou quase sem vida, p'ra morrer
Pois eu perdi a coisa mais amada.

Estou sem forças, morro aqui sòzinho
O meu corpo está todo a sangrar.
Eu quero mais de vida um pouquinho
Para que nesse instante possa amar

Eu sinto já tão próximo o meu fim.
Ninguém se compadece de mim.
Mas que importa já a minha dor?!

Eu morro como as almas condenadas
Com esperanças já despedaçadas
Mas morrerei feliz dizendo: Amor.

ANTÓNIO REIS PEDROSO

(A.C.C.)

Memórias do Cruzeiro Gago Coutinho

TERRAS DE HUILA

Depois que estivemos convosco, amigos leitores, os nossos autocarros percorreram a distância que nos separava de Sá da Bandeira, cidade académica angolana. Antes porém, de chegarmos à capital do distrito da Huila estivemos no Colonato da Matala, obra hidro-agrícola e hidro-eléctrica que muito contribue para o actual desenvolvimento do Sul da Província.

Não se pode esquecer o que foi o batuque ali presenciado — o nosso primeiro batuque — grande número de indígenas movendo-se numa cadência dolente ao som de uma monótona música.

Sá da Bandeira recebeu-nos sob temperatura muito baixa, o que naturalmente faz admirar os pretensos sabedores de geografia física: em Africa não há só calor, jamais isso pode acontecer numa cidade situada a cerca de 2 000 m. de altitude, como neste caso. Vimos coisas encantadoras e em tudo a mesma certeza de sempre: o estilo português é em Africa a maior realidade de tudo o que resultou da colonização europeia.

Na Escola de Regentes Agrícolas de Chivinguiro, onde encontrámos o melhor ambiente de sã camaradagem, assistimos a uma tourada à portuguesa, onde não faltou sequer o «pegar touros à unha». Quando desta visita regressávamos à cidade, fomos alegremente surpreendidos por um grupo de raparigas que nos fizeram parar e nos ofereceram uma formidável merenda junto a uma encantadora cascata; não fazemos comentários, tão sòmente relembremos não existir na altura, M.P.F. no Ultramar. Mas não foi tudo, pois no dia seguinte, após havermos visitado a Serra de Chela, onde vislumbrámos paisagens maravilhosas, foi-nos oferecido um «Pôr de Sol» num local sobranceiro a Sá da Bandeira onde se dançou, comeu, e admirou o que na realidade o Portugal Africano supera o Portugal Continental — a descida do Astro-Rei ao seio da Terra. Ficámos encantados com a camaradagem encontrada e, por vezes, ainda sonhamos com a possibilidade de os nossos Liceus e Escolas Técnicas poderem vir a parecer-se com aquilo: mas quando, Deus meu?...

Oferecemos à cidade as nossas canções e habilidades numa «Chama» que teve uma nota a distingui-la: atitude de reserva por parte de um público escolar, orgulhoso de uma tradição académica vazia de qualquer significado.

Partimos em verdadeira apoteose: numa estação de caminhos de ferro completamente cheia, uma população jovem, uma automotora especial esperava — dirigentes da Organização, directores e professores dos estabelecimentos de ensino, raparigas e rapazes, pessoas de família — últimos abraços, lenços na gare e nas janelas da composição: um silvo, um impulso, frases soltas, acenos, esticar de cabeças olhando um ponto e, a realidade.

O HOMEM NO DESERTO

Depois de poucas horas a chegada a Moçâmedes: mesma apoteose — diferente da anterior sòmente na oposição de acontecimentos —. Desfile garboso até ao Palácio do Governo onde fomos solenemente recebidos.

Desta terra, situada em pleno deserto, muitas recordações nos ficaram. Imaginai, vós que nos ledes, o que seja andar em carros através do deserto? Para nós, foi algo de maravilhoso. Vimos miragens, algo de inacreditável no estudo da óptica, mas que nos surgiram várias vezes pela frente e que para sempre nos acabaram com as dúvidas. Estivemos junto do sítio onde o cientista Dr. Carriço, morreu, quando estudava «in loco» e não no «gabinete» a célebre «Welvitchia Mirabilis». Fomos ao local onde Diogo Cão, na sua segunda viagem, colocou o Padrão mais Sul—Cabo Negro—. Deslocámo-nos a Porto Alexandre, verdadeiro oásis, onde a actividade primordial é a pesca e seus derivados.

Finalmente chegou o dia de embarcarmos. O «Moçambique» esperava-nos. A bordo o Orfeão Universitário do Porto — que na Páscoa passada esteve nesta cidade — e dezenas de estudantes que regressavam aos seus estudos na Metrópole. Deste intercâmbio não tardou em surgir um espírito alegre que muito animou a viagem.

De passagem vimos a admirável Baía do Lobito e o magnífico porto, visitando Benguela. Mais uma paragem em Luanda e deixámos Angola.

PORTUGAL E O MUNDO

O Cruzeiro terminou em Lisboa a 13 de Outubro de 1959. De então para cá só se fez uma exposição fotográfica dessa viagem: achamos pouco, já o afirmámos na 1.ª destas crónicas. Todos estão prontos a darem o que lhes pedirem — iniciativas isoladas não servem —. Estabeleça-se um plano e parta-se para algo de concreto. Não se perca tempo, porque senão será demasiado tarde.

Angola, daqui te prestamos homenagem e às gentes que em ti labutam, certos de que do esforço comum há-de surgir obra de todos dignificadora, mostrando a quem quer que seja que sabemos quem somos, o que queremos e, para onde vamos.

Angola é agora mais conhecida em virtude dos acontecimentos passados no ano findo. Ela espera muito de nós, pois nela há muito a realizar. — Esta a mensagem que por toda a parte nos davam.—Vamos até ela, pois para todo lá há lugar. Só assim Portugal cumprirá o que Deus quer, ainda que o Mundo não esteja de acordo.

N'GOLA

Tenente Alberto Santiago de Carvalho

O tenente Alberto Santiago de Carvalho, autor da carta que transcrevemos no número passado e onde dizia a um seu tio que oferecia a vida à Pátria, morreu heròicamente na defesa de Damão. Lutou até à última bala, soube combater como um português e morreu como um verdadeiro soldado que nas portuguesas terras da India honrou os nossos maiores e a história gloriosa de Portugal.

— Tenente Alberto Santiago de Carvalho!

— Presente!

«AFONSO DE ALBUQUERQUE»

O aviso «Afonso de Albuquerque» honrando dignamente a Marinha de Guerra portuguesa soube enfrentar em desigual e heróico combate os navios da União Indiana, muito superiores em número.

Os mares da India que há muitos séculos conheciam já a bravura e a heroicidade sem par dos marinheiros de Portugal foram teatro mais uma vez da sua valentia e do seu espírito combativo.

O aviso «Afonso de Albuquerque» não receou lutar contra a flotilha indiana e escrever com o seu comportamento tão genuìnamente português mais uma página de bravura e glória na história da nossa Marinha, na história de Portugal.

Pelos filiados do Centro Escolar n.º 24 de Lisboa foi lançada a ideia duma subscrição nacional cujo produto revertesse para a compra de um outro vaso de guerra a que fosse dado o nome de «Afonso de Albuquerque».

«Chama», órgão dum Centro Escolar, mas que não pode ser indiferente a tudo o que toque na honra da Nação nem das iniciativas que a dignifiquem, apoia com o maior entusiasmo esta campanha e espera que os filiados do C. E. n.º 2 lhe dêem, igualmente, a melhor e mais devotada colaboração.

Nesta hora decisiva para a vida nacional em que tantos sacrificam a sua vida pela integridade da Nação, sacrifiquemo-nos nós um pouco a favor de uma ideia tão patriótica e que, certamente, entusiasmará a juventude de Portugal sempre pronta a abraçar os mais altos e nobres ideais.

Confio nos filiados do C. E. n.º 2.

João Manoel Martinho

(A. C. C.)

Encontrava-se em Goa, quando da agressão àquele território, o Comandante do Corpo Nacional de Graduados, Comandante de Falange Zózimo da Silva. Sabemos encontrar-se em estado satisfatório, preparando o seu regresso à Metrópole.

Não podemos esquecer a figura do C.F. Celso Silva, irmão de Zózimo, Comandante do Corpo Provincial de Graduados daquela Divisão. Todos estamos com ele, pedindo-lhe que transmita aos nossos camaradas goeses a certeza de sempre nos encontrarmos prontos para lutar a seu lado. Goa está em sangue e com ela a M.P.. Isso não se pode esquecer e os nossos votos são de esperança ao pensarmos no seu futuro.

Daqui dirigimos àqueles graduados as nossas saudações e fazemos votos para que em breve os tenhamos em Lisboa a fim de poderem continuar a sua acção em prol dos mesmos ideais.

O NOSSO CENTRO

O Conjunto Musical do Centro Escolar 2 é algo que jamais se poderá perder e em que é necessário pensar a sério. Boas vontades não faltam, necessário é, portanto prosseguir. De alto valor cultural, porquanto a música de muito aproxima os Homens de Deus, o conjunto está ao dispor de todos os filiados que nele queiram aprender algo que lhes complete a educação, de modo a aproximá-la do integral, como é nosso desejo. Porque não havemos nós de pensar a sério neste assunto e irmos portanto dar a nossa ajuda — aprender a formarmo-nos? Só nos é exigido um pouco de dedicação, sem a qual nada pode singrar.

Saiamos pois da indiferença e, apresentemo-nos, dando o melhor que pudermos, para que o nosso centro se valorize e, com ele nós próprios.

O nosso jornal várias vezes se tem referido à falta de colaboração da M.P.F. ao mesmo tempo que apresenta muito que mostra tal não ser verdade no Liceu da Covilhã, parecendo haver incongruência. A explicação é fácil: não existem neste Centro aqueles problemas pois, em virtude da compreensão do papel de educadoras das Dirigentes daquela Organização tudo corre como seria de desejar. Com o nosso exemplo queríamos lançar o apelo a todos os estabelecimentos de ensino, onde a verdadeira educação se não professa ainda. Infelizmente poucos são os casos como o nosso e portanto a nossa generalização.

A incompreensão é grande — talvez por própria introspecção —. Desconhecemos o conceito de educação das pessoas responsáveis. Desde algumas dezenas de anos que vimos caminhando neste ritmo. Os resultados têm sido catastróficos. Quem não quiser acreditar, só tem que visitar, para conhecer, algumas das nossas Escolas Superiores.

De quem é a culpa? Das educadoras, não há dúvida. Como não hão-de as pessoas cair se desconhecem por absoluto o que seja a vida e os seus perigos? Só lhes ensinam o que seja o mundo feminino e, a realidade é bastante diferente.

Não é isso que se pretende e para tal há que saber «educar» no ensino secundário. Nada de ficções. A verdade vencerá sempre: raparigas e rapazes têm de caminhar lado a lado.

«AFONSO DE ALBUQUERQUE»

A Juventude da Covilhã não esteve alheia às manifestações de indignação para com a atitude da União Indiana, nelas tomando parte quer organizando quer elevando a sua voz.

Muito mais que as palavras interessam as acções. Graduados do C.E. 24 de Lisboa lançaram uma Campanha para que a Juventude se quotize e adquira um novo barco em substituição do que pereceu no seu posto. A Covilhã tem uma posição a defender e portanto aparecerá no cimo, mostrando o seu espírito de sacrifício e de camaradagem.

Vai-se lançar a Campanha. O esforço é de todos. Esperamos por vós.

M. G.

BODO DE NATAL

(Continuação da 2.ª página)

semana no valor de um bilhete de cinema e outras coisas tão simples, mas tão belas e ricas de significado. O valor total do Bodo atingiu este ano 2 317$00 e foi distribuído por 80 pobres.

A «Sala do Filiado» onde se procedeu à sua entrega viveu nesse momento as suas horas mais altas deste ano.

Presidiu a esta distribuição a Senhora D. Judith Fitas da Cunha Martins, Vice-Reitora do Liceu e Subdelegada Regional que estava acompanhada da Senhora D. Fernanda Áurea Cruz Gomes, Directora do 2.º ciclo, e das professoras Senhora D. Maria Vaz Fazenda e D. Alice de Castro Fernandes.

Estiveram presentes os Comandantes da P.S.P. e da G.N.R., o Procurador à Câmara Corporativa, José Nunes Torrão, Dr. Abrantes da unha, **Reitor do Liceu** e Director de Centro e o A.Q.G. Dr. Leite de Castro, Director da «Chama».

João Manoel Martinho
(A. C. C.)

MOVIMENTO

Pelo Director de Centro, Dr. José Abrantes da Cunha foram nomeadas as seguintes comissões:

a) *Dos Jogos Florais*

D. Judith da Assumpção Fitas da Cunha Martins
D. Maria Martins Vaz Fazenda
D. Maria Alice dos Santos Fonseca
Dr. Manuel António Santarém Nunes de Andrade
A.Q.G. Dr. João Manoel Leite de Castro.

b) *Dos presépios, trabalhos de desenho e pintura*

D. Fernanda Áurea da Mota Leite e Cruz Gomes
D. Celeste Dias Gomes Panarra
Arquitecto Manuel João Calais
Arquitecto Fernando Manuel Viegas de Abreu Proença
Dr. Alberto Martins da Fonseca.

c) *De angariação de donativos*

D. Judith Fitas da Cunha Martins, Subdelegada Regional da M.P.F.
D. Maria Alice de Castro Fernandes
D. Maria Alice Oliveira Fael
A.Q.A.R. Padre José Baptista Fernandes
Reverendo Padre António Pitta
A.Q.G. Dr. João Manoel Leite de Castro
A.Q.G. Dr. Fernando Panarra

CLASSIFICAÇÃO DOS JOGOS FLORAIS

O júri resolveu atribuir uma única menção honrosa à poesia da filiada do C.E. n.º 1 da M.P.F. Maria Adelaide Pereira de Carvalho, publicada neste número da «Chama» a páginas 4.

CLASSSIFICAÇÃO DOS DESENHOS E PRESÉPIOS

Desenhos:

1.º — C. Q. Maria Manuela Tavares Moura e Silva
2.º — José Simões Gregório
3.º — C. Q. Maria Manuela Tavares Moura e Silva

Presépios:

1.º — 3.º B e C
2.º — 4.º Ano
3.º — 2.º C.

CORPO REDACTORIAL DA «CHAMA»

Embora todos os actuais e antigos filiados dos Centros Escolares n.º 1 da M.P.F. e 2 da M.P. sejam, por direito próprio, colaboradores da «Chama», foram nomeados para redactores do nosso jornal pelo seu Director e proposta do Chefe de Redacção, A.C.C. João Manoel de Oliveira Martinho:

C. B. António José Miranda Garcia, director da Página do Ultramar e tendo igualmente a seu cargo a «Varanda em Lisboa».

A.C.C. Alberto Branquinho, Director da Tribuna dos Antigos e autor da página «Passatempo».

C.C. José Alberto Rolão Bernardo.

A.C.C. António dos Reis Pedroso.

C. Q. Maria Manuela Tavares Moura e Silva.

Maria da Glória Nabais Paisana.

FESTA DO PATRONO

Começaram em todo o Centro os preparativos para a Festa do Patrono que este ano se realizará no dia 3 de Março.

A Direcção de Centro pede a todos os filiados para darem a melhor colaboração aos chefes das Secções Cultural e Camaradagem, encarregados do programa das referidas comemorações.

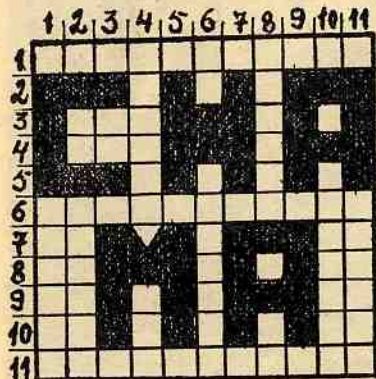
À Subdelegada Regional da M.P.F. agradecemos mais uma vez a colaboração e apoio que se dignou prestar para o bom êxito desta iniciativa.

CURSO DE CHEFES QUINA

Sob a direcção do A.Q.G. Leite de Castro e Comando do C.C. Jorge Manuel da Conceição Ferreira começará a funcionar neste Centro no próximo dia 17 o 3.º Curso de Chefes de Quina que terá por patrono o Infante D. Fernando e por divisa «Sacrifício e heroísmo».

PASSATEMPO

A.³ B.

Palavras cruzadas

HORIZONTAIS: 1—Tirar da terra; 3—Nome de rapaz (abrev.); 4—Terceira pessoa do plural do presente do indicativo do verbo *ser;* 6—Desmoronamento; 7 — Preposição simples; artigo definido feminino do plural; 8—Nota de música; marca de tabaco; 9—em (dentro de — inglês); atmosfera; 10—Contracção de proposição e artigo; batráquio; 11—Desanimaras.

VERTICAIS: 1—Determina com precisão; 2—artigo no plural; provens; 3—Contracção de preposição e artigo; 4—paramento religioso; ligação; 6—pronome pessoal forma sujeito; objecto para cobrir a cabeça; 8—aceita; acusada; 10—acometera; 11—molusco lamelibrânquio (plural).

NOTA: Ver solução noutra página.

Miradouro

(Crónica muito crónica)

Porque é que esta secção de anedota teria provocado tantas anedotas?

Pensamento

A mulher leva quarenta e dois anos para chegar... a casa (por causa das saias travadas).

Óscar Balde

Caras e casos do último número

2.ª PÁGINA

Coitadinho, tão pequenino...

Um dia, quando eu andava com ele naquele tempo fiz cara de mau e chamei-o:

— Ó Joãozinho!!!

E ele assustado:

— Ó mamã!...

Lá consegui convencê-lo a aproximar-se e pedi-lhe que desse dois berros valentes. Assustado como estava não conseguiu.

Mas agora desforra-se...

Ai triste de mim coitado,
Ai triste, triste quem ama,
Mandei procurar uma noiva
Arranjaram-me uma «Chama».

Comentário:

— Que confusão, meu Deus, que confusão! Está claro, nunca ouvem o que a gente diz...

4.ª PÁGINA

A M.P.F. prepara o dia da Mãe

— Aquele elevado número de filiadas presentes seria por ser o Martinho a fazer a reportagem? (Ver assinatura).

5.ª PÁGINA

— C. B. Jorge Bruxo!

— Presente!

(— Bem já acordou...)

— É só uma pergunta: quando ao fundo da 3.ª coluna dizes que acordaste no 256 do Campo Grande foi para que houvesse alguém que te escrevesse?

Talvez o faça qualquer dia...

6.ª PÁGINA

O Rolão respirou fundo. Até que enfim já pôde mandar o jornal a alguém como lhe tinha prometido *(por trazer uma fotografia...).*

Bem, ao menos «ela» fica a saber que vales quase uma página.

9.ª PÁGINA

Gravura do centro:

— Um quarteto com insónias...

P. S. — Como o Director da «Chama» figura (embora pela força das circunstâncias) em nada menos que 11 gravuras, é ocasião para o sr. dr. Fernando Ruy Corte Real e Amaral, Delegado do I.N.T.P., dizer que a «Chama» se deve ter esgotado imediatamente...

ANEDOTAS

À noite, já muito tarde, o paizinho ajuda o menino a fazer os exercícios. Mas quer que ele faça um esforço e pergunta:

— Vamos a ver Zèquinha: 7 vezes 8?

Nem resposta. O pai insiste cada vez mais irado:

— Então, 7 vezes 8?

E assim por diante. A certa altura batem à porta e o pai vai abrir. Da escada alguém berra:

— Cinquenta e seis...

Era o vizinho de baixo.

— Quem lhe morreu, minha senhora?

— O meu marido, coitado...

— Ai, que horror! Não sabia. De que morreu?

— Do mal da gota.

— Olhe, o meu foi quase a mesma coisa, foi do mal da pinga.

NUMA PADARIA

— Muitíssimas boas-tardes.

A empregada:

— Boa tarde.

— A menina tem pão de ontem?

Ela solícita:

— Tenho sim.

— Bem feita que não o vendeu...

«Elegância e... bom gosto»

6º NÚMERO DA "CHAMA"

Agradecemos muito reconhecidos a todas as pessoas amigas que por escrito ou pessoalmente se nos dirigiram felicitando-nos pelo nosso número especial de Dezembro.

Não fizemos mais de que procurar cumprir e corresponder à confiança que em nós sempre tem depositado o Director de Centro e Reitor do Liceu, Dr. José Abrantes da Cunha.

Vermos, porém, o nosso esforço e trabalho reconhecido por pessoas amigas é um forte estímulo que nos animará a prosseguir na rota que desde sempre traçámos e que esperamos saber manter como até hoje.

Iniciação literária

A partir deste número aceita a Redacção da «Chama» a entrega de contos e poesias inéditas da autoria de antigos e actuais filiados.

Esses trabalhos, depois de devidamente seleccionados, serão publicados nas nossas colunas.

Todos os filiados que colaborarem nesta secção, poderão apresentar, querendo, desenhos alusivos ao trabalho apresentado, o que muito o valorizará.

Rumo ao campo

«Chama» orgulha-se de poder contar a partir do presente número com mais uma rubrica que muito virá a valorizar o nosso pequeno jornal.

Há muito que se fazia sentir a necessidade duma secção de Campismo nas nossas colunas e essa falta é a partir de hoje preenchida pela colaboração do Auxiliar de Instrução José da Graça Bordadágua que passará a orientar uma série de artigos sobre esse tema.

Mais uma vez o Bordadágua respondeu: Presente!; mais uma vez se colocou ao dispor deste Centro que com tanto zelo e dedicação serve, sendo um exemplo para todos que militam nas nossas fileiras.

CURSO DE ARVORADOS

Encontra-se aberta na Casa da Mocidade e nos Centros de Instrução Geral a inscrição para o Curso de Arvorados até ao próximo dia 20 de Janeiro.

Só se poderão inscrever os chefes de quina maiores de 12 anos.

O referido Curso funcionará na Casa da Mocidade às Segundas, Quartas, Quintas e Sextas, tendo as aulas início às 18,30.

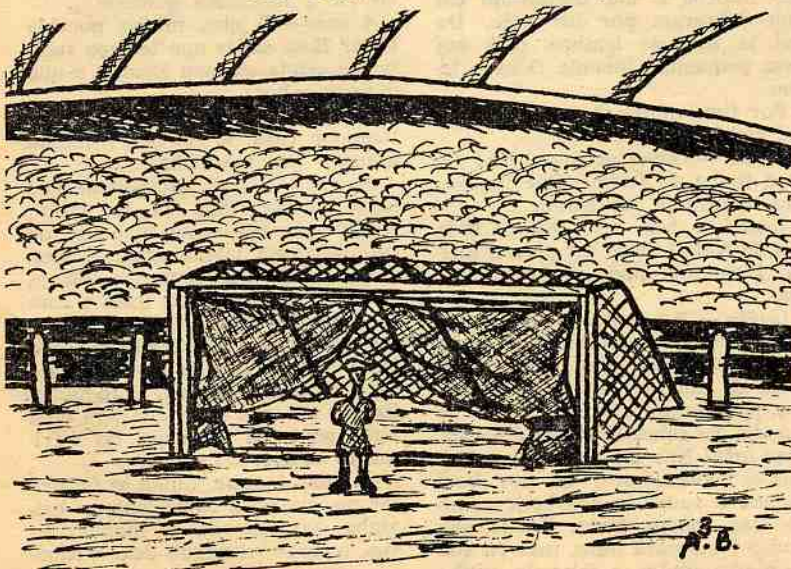
Para patrono deste Curso escolheu o seu Director, A. Q. G. Dr. Fernando Bernardo Panarra, Maciel Chaves, antigo Comandante de Falange, que no Estado Português da India encontrou a morte em missão de soberania e por divisa *«Sacrifício na vida, honra na morte».*

CERRRAR FILEIRAS!

(Continuação da 1.ª página)

to presente — devoção plena, sacrifício total se necessário for.

E assim com todos unidos como se fossemos um só, nada prevalecerá contra a nossa trincheira e a vitória, que Deus nos há-de permitir alcançar, será a mais alta e gloriosa da história de Portugal.

L. C.

Festa de Natal

No dia 16 de Dezembro realizou-se a tradicional Festa de Natal no Ginásio do Liceu com a colaboraçãod os dois Centros Escolares da M.P. e da M.P.F.

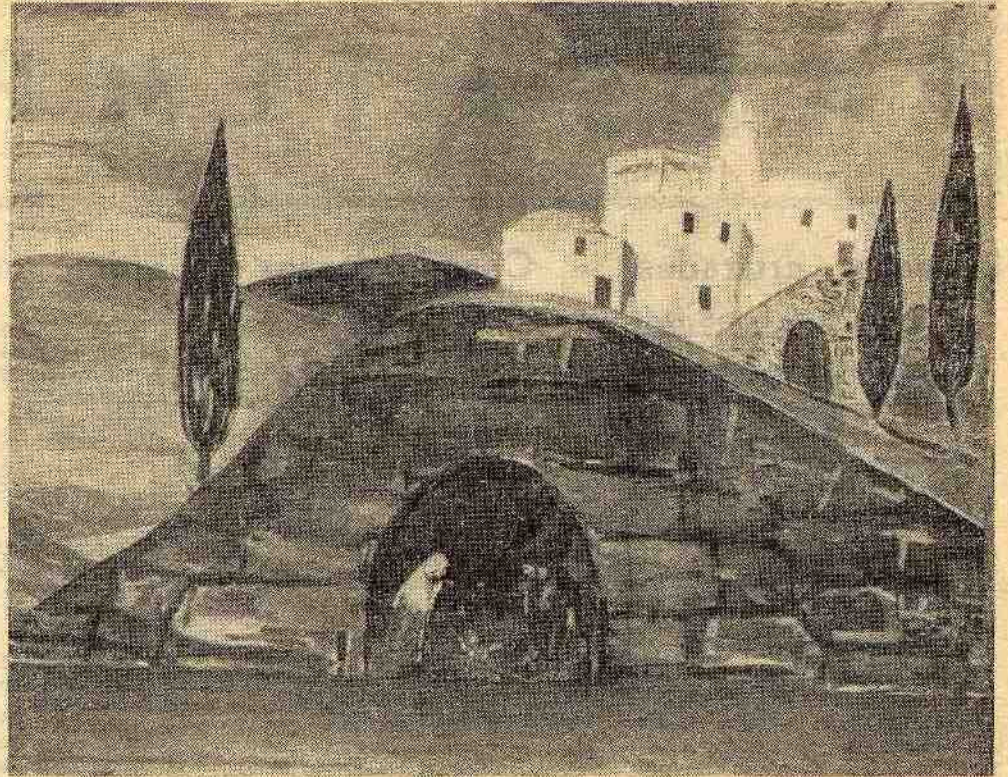
Em representação do Dr. José Ranito Baltazar, Presidente da Câmara Municipal da Covilhã, presidiu o Vereador Dr. Amadeu da Silva Leitão.

Estiveram presentes o Arcipreste da Covilhã, o Delegado Distrital do I.N.T.P., o Comandante da P.S.P., o Comandante da G.N.R., o Provedor da Santa Casa da Misericórdia e muitas pessoas da mais alta representação social.

Depois de o Grupo Coral ter entoado a marcha da M.P., o Reitor do Liceu agradeceu em breves palavras a presença das autoridades e demais pessoas que com a sua presença honraram a nossa festa. Deu, seguidamente, a palavra ao Reverendo Assistente Eclesiástico do Centro, Padre José Baptista Fernandes, que proferiu uma oração sobre a espiritualidade do Natal e o seu alto significado.

No final o orador foi muito justamente aplaudido e fazemos votos para que as suas palavras não

(Continua na 4.ª página)

★ O Presépio ★

O Reverendo Arcipreste Eclesiástico usando da palavra

A C. Q. Maria Manuela Moura e Silva recebendo os seus prémios

GUIDA E ISABEL

Era dia de Natal... Uma radiosa manhã, clara, de brisa ligeira mas fria, como a de há muitos anos, em Belém, quando da Virgem Maria nasceu o Salvador.

Duas meninas estão pensativas e encostadas à superfície lisa e branca da capela da aldeia.

São duas rapariguinhas louras, de pele alva e lábios rubros.

Doze, catorze anos? Deve ser isso. Chamam-se Guida e Isabel.

Na aldeia, toda a gente as conhece. São bondosas e lindas.

Guida, orfã de pai e mãe, vive da caridade das pessoas da aldeia, que gostam muito dela, por ser tão meiga, submissa e sempre pronta a prestar qualquer serviço.

Isabel, filha de abastados lavradores, tem também um belo coração e sente a infelicidade de Guida, a quem se dedicou desde pequenina, quando brincavam juntas no pátio da herdade.

Os sinos da capela começam a tocar.

Guida, ao ouvi-los, fica ainda mais triste. É que a voz de bronze lhe recorda o dia tristíssimo em que dobraram por sua mãe. Do pai já nem se lembra, pois era bem pequenina quando Deus o levou.

Por fim, rompe-se o silêncio entre ambas.

Guida — Ouves os sinos? Não parece toque de festa... Que impressão torturante me invade...

Isabel — Não sei... Não é hoje dia de Natal? Deve ser para a missa. Hoje não pode ser outro toque...

Guida — É possível... No entanto eles fazem-me recordar os tristes e plangentes sons, quando há pouco mais de um ano, minha mãe cerrou para sempre, os seus olhos de veludo. Tu sabes lá o que é perder uma mãe! Não ter quem nos adivinhe os pensamentos, nem nos aconchegue a roupa, e nos beije como só elas sabem fazer. Todos são muito bons para mim, mas eu sinto muito, muito, a falta da minha mãezinha.

As lágrimas soltam-se e Guida chora convulsivamente.

Isabel, comovida, abraça a sua amiga e tenta distraí-la daqueles tristes pensamentos. Uma ideia lhe surge e logo a põe em prática.

Isabel — Vamos... Anda... Sinto frio... Queres vir a minha casa?

Guida — A tua casa? Mas...

Isabel — Sim. A mãe está a fazer as filhós. Vamos ajudá-la? Queres?

E sem esperar uma resposta, pega-lhe pela mão e obriga-a a correr.

Em casa, Isabel tem uma conversa a sós com sua mãe.

Isabel — Ó mãezinha, se soubesses quanto sofre a Guida! Hoje, quando tocou para a missa chorou tanto ao falar-me da sua mãe, dos seus carinhos que perdeu... Eu sou tão feliz... Tenho-a a si, minha mãezinha. Não se zanga comigo? Eu disse-lhe para vir para aí hoje e, como é dia de Natal e todos recebemos presentes, eu podia dar-lhe aquele vestido que me ofereceu há pouco tempo... Ainda só o vesti umas duas vezes... Está como novo. Se a mãezinha quisesse...

A mãe — O quê, minha querida filha? Bem sabes que te faço tudo o que esteja ao meu alcance e que é justo e bom.

Isabel — Bem... Ela até podia cá ficar em casa. É tão boa a minha amiga... Oh, mãezinha!

A mãe — Isabel, orgulho-me que sejas minha filha. Já há muito tempo que penso na maneira de proteger essa infeliz criança. Sim, ela poderá viver connosco. Ficará junto de ti como uma irmã e com o nosso carinho que far-lhe-emos esquecer a sua infelicidade. Foi o Deus Menino que te inspirou essa ideia, minha filha e eu, sinto-me feliz por ter uma filha que tem uma alma generosa e pensa no sofrimento alheio.

Quando, à noite, Guida se foi deitar na sua nova cama, chorou baixinho, agradecendo ao Menino Jesus, o ter-se lembrado dela. Rogou-

(Continua na 4.ª página)